

Ex-aliado, Morales agora vai ao ataque

ELIANE CANTANHÊDE

COLUNISTA DA FOLHA

Evo Morales foi aliado do governo Lula durante sua campanha à Presidência da Bolívia, começou a botar as manguinhas de fora quando se tornou nitidamente favorito e, agora, sentindo-se firme no cargo, passou ao ataque.

Prejudica a Petrobras, com a nova medida, e expulsa a EBX, empresa que estava construindo quatro fornos de ferro-gusa e criando 6.000 empregos no país.

Pág. A2

ELIANE CANTANHÊDE

É guerra!

BRASÍLIA - Evo Morales foi aliado do governo Lula durante sua campanha à Presidência da Bolívia, começou a botar as manguinhas de fora quando se tornou nitidamente favorito e, agora, sentindo-se firme no cargo, passou ao ataque aberto.

Primeiro, Morales apoiou o forte aumento da carga tributária das empresas estrangeiras, o que atingiu a Petrobras em cheio. Mas o Planalto, o Itamaraty e a empresa entenderam. Afinal, a Bolívia perdeu todas as guerras em que se meteu e vem sendo espoliada desde sempre.

Depois, Morales assumiu e foi logo mudando as leis ambientais que afetam as empresas e passou a discutir a nacionalização da área petrolífera —o forte da Bolívia. O sinal amarelo começou a piscar no Brasil. Mesmo assim, o discurso continuou sendo de aceitação e defesa.

Agora, Morales expulsa a EBX, do empresário Eike Baptista, que estava construindo quatro fornos de ferro-gusa e criando seis mil empregos no país. E, ontem, passou da ameaça à ação contra a Petrobras: assinou de-

creto expropriando na prática metade das refinarias, botou o Exército nas instalações da empresa brasileira e aumentou as tarifas em 82% (a previsão era de 50%).

Evo Morales assumiu uma atitude mais do que temerária. Não quer parceiros nem quer negociar. Simplesmente abriu guerra, contando com sua força interna para bombardear os aliados potenciais externos.

A posição do Brasil ainda era confusa ontem, com Lula em campanha, Amorim negociando em Genebra e Gabrielli (da Petrobras) em Nova York. A área técnica quer abrir as baterias e reagir. A área política e diplomática está cheia de dedos.

Não dá para não reagir, mas também não dá para dispensar o gás boliviano nem para massacrar o indígena Morales e o país mais pobre da América do Sul. Iria contra a essência da política externa brasileira.

“Quem pariu Matheus que o embaixe.” Quem ajudou a eleger Morales que o suporte. Antes que caia.

@ → elianec@uol.com.br